

UMA BARBUDA DE CRUZ LISA

ACHEGAS AO ESTUDO DA NUMISMÁTICA FERNANDINA

PELO ENG.º AGR.º VALDEMAR CORDEIRO

Em qualquer campo da actividade humana, a pesquisa e o trabalho metódico, paciente e teimoso tiveram sempre um enorme papel, cuja relevância na evolução das ciências e artes seria insensato diminuir.

Mas também o acaso, a casualidade, as forças ponderosas do Destino têm, desde sempre, contribuído poderosamente para o causalismo de muitas importantes descobertas e de muitos e largos passos do progresso e da ciência.

Na nossa incipiente e breve ainda vida de numismata, tem sempre merecido a nossa maior veneração a figura enorme de sábio, de filósofo e de sacerdote, que foi o Abade de Baçal, até porque foi à leitura de uma de suas inspiradas cartas que ficámos devendo o impulso que nos levou ao mundo apaixonante da Numismática.

Este homem de ciência, que o foi no grande e magnífico sentido da palavra, constituía como que um elo entre o conhecimento profundo das coisas e a força miraculosa do acaso. Pesquisador incansável, regionalista extremo e único nos palpitantes campos da arqueologia e da etnografia, calcurreou, a pé e a cavalo, os mais reconditos lugares do seu bem amado distrito, alguns ainda hoje pouco acessíveis, indiferente ao tempo e às comodidades, mas sempre atento a tudo quanto representasse conhecimento antigo ou matéria de estudo. E não eram só os olhos que pesquisavam brejos e valados, fojos e serranias; por detrás daqueles olhos estava um mundo de sabedoria, de experiência, de sensibilidade — que ditavam o reconhecimento exacto de uma simples pedra, de uma inscrição apagada, de uma velha peça de olaria que o Acaso, esse servo dos fortes, lhe fazia encontrar a cada passo e que aos olhos comuns tinham durante séculos passado despercebidos.

É a nossa grande admiração pelo Padre Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, que nos leva a oferecer à sua memória a modesta descoberta que realizámos, mercê das forças do Destino que também o ajudaram, mas na minguada da sabedoria que lhe sobrava e a nós nos falta.

O numisma a que vamos fazer referência, foi achada em Olmos, Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança, em Outubro de 1964, pelo signatário, durante a demolição, meramente casual, de uma parede velha e inçada de silvas, dada como inútil e embaraçosa. Surgiu então um lote de 14 moedas, em bastante mau estado e dos reinados de D. Afonso III, D. Diniz e D. Fernando. Treze dessas moedas tinham muito reduzido interesse numismático. Porém a décima quarta despertou o nosso interesse, não só pelo seu relativo bom estado, como pelas características pouco comuns da sua cunhagem.

E assim chegámos à posse de uma barbuda de cruz lisa.

Todos os que nos lêem sabem, bem melhor que nós, quanto a numismática deve ao nosso rei D. Fernando. À simplicidade do reinado anterior, segue-se uma brusca evolução de cunhagem, que surge esplendorosa, reflexo lídimo da arte gótica, atingindo limites de beleza nunca antes ultrapassados. E a evolução não se refere só à beleza dos numismas, mas também à enorme gama de tipos, de ligas e de valores — que se por um lado constituem valiosa fonte de atractivos, exprimem também a evolução caótica do sistema monetário nacional e a interferência visível e constante da inflação.

Do morabitino e do dinheiro, que constituíam a base de troca dos reinados precedentes, passa-se, batidas nas mais diversas oficinas, dentro e fora do território nacional, às dobras pé-terra e dobras gentis, aos reais e torneses, aos graves e pilartes, mantendo-se os dinheiros, mas agora enriquecidos por um requinte de cunhagem até então desconhecido.

À capacidade criadora e imaginativa do rei, juntavam-se ainda determinantes de ordem política e económica, que forçaram constantes reajustamentos de valores e ainda o capricho dos artistas, que se permitiam a introdução de variantes nas moedas de sua cunhagem.

De todos estes factores resultou uma numária extremamente rica e variada, de grandes encantos para o coleccionador. Resultou belo e valioso conjunto numismático nacional, conjunto cujo estudo, infelizmente, ainda não foi completado, sendo até possível que cunhagens tenha havido que ainda hoje sejam desconhecidas.

Na realidade a investigação das amoedações fernandinas implica todo um vasto estudo histórico e um profundo conhecimento das leis monetárias do tempo e da flutuação dos valores dos padrões metálicos, estando portanto fora das possibilidades de grande parte dos nossos numismatas, sem acesso fácil aos meios de segura informação.

Deliberadamente, na sumária enumeração das cunhagens fernandinas feitas atrás, omitimos as barbudas, meias barbudas e quartos de barbuda, as duas últimas submúltiplo da primeira, que agora nos interessará especialmente.

As barbudas foram cunhadas e circularam sòmente no reinado de D. Fernando. Eram moedas de prata baixa (bolhão), como os tornezes, aos quais sucederam para fazer face às enormes despesas a que as empresas bélicas de D. Fernando arrastaram o país. Assim as barbudas foram lavradas de forma a que um marco de prata de 11 dinheiros dava 195 barbudas, cada uma com o valor de 20 soldos, produzindo para o erário real um bom lucro de 168 libras da época e por marco.

No fim da guerra com Castela as barbudas desvalorizaram-se, passando a ter o valor de 14 soldos, mesmo assim muito exagerado em relação ao seu valor metal.

Todas as circunstâncias apontadas e que eram por nós conhecidas, tinham-nos familiarizado com a moeda barbuda no seu aspecto mais comum, isto é, busto do rei vestido de armadura no anverso; escudete sobreposto sobre a cruz no reverso e castelos nos quatro quadrantes, também no reverso.

Na primeira apreciação do nosso achado, estranhámos logo a ausência do escudete sobre a cruz do reverso e a alternância de escudetes e castelos na mesma face. Isto trouxe-nos à memória uma nota de Pedro Batalha Reis (in, «Cartilha da Numismática Portuguesa»), nota que tem o seguinte texto:

«Há uma curiosa variante, cujo paradeiro ignoramos, descrita por D. Guilhermina de Jesus no seu catálogo de 1902 e caracterizada por ter a Cruz sem ter o escudo sobreposto e contornada por dois escudetes e dois castelos».

Pertence a este tipo a moeda do nosso achado, uma barbuda de cruz lisa, possuindo as seguintes características mais relevantes:

Anverso: ... REX: PORTVGALI: ALGA.

No campo, busto do rei vestido de armadura e coroado, escudete gótico sobre o busto e a letra P à direita.

Reverso: ✠ FERNANDVS : RX: PORTVGALI : ALG:

No campo, cruz lisa, dois castelos e dois escudetes, estes no segundo e quarto quartel. (Fig. 2).

A barbuda do achado difere da constante do catálogo de 1902, tanto pela legenda como pela distribuição dos castelos e escudetes.

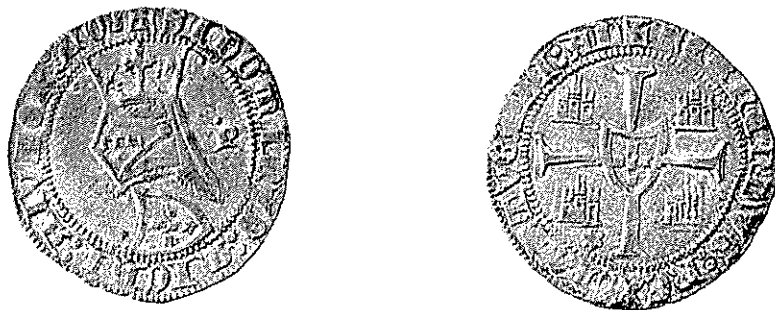


Fig. 1

Anverso e Reverso do tipo de Barbuda mais comum
Módulo = 27 mm — Peso = 4,01 grs

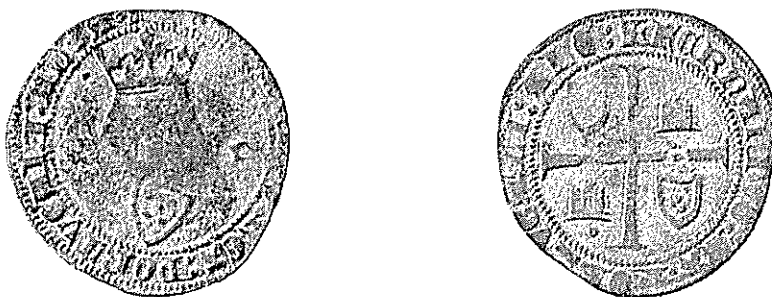


Fig. 2

Anverso e Reverso da Moeda do Achado
Módulo = 26,8 mm — Peso 3,62 grs

A barbuda inclusa no catálogo citado é, segundo Ferraro Vaz, a única «manifestação de barbudas com semelhante reverso». Em conformidade, este autor, a quem enviamos decalque do nosso achado, escreve-nos o seguinte:

«Está de parabéns. A sua barbuda é um monumento de numária de D. Fernando e vale bem uma dobra gentil.

Uma peça destas ficaria em relevo em qualquer dos nossos museus de Numismática, principalmente no do Porto.

Até agora só se conhecia mal um reverso de um exemplar diferente».

Julgamos assim ter trazido à luz do dia um numisma completamente impar, pois apenas encontramos, em consultas bibliográficas feitas, insuficientes referências de uma peça idêntica. Mesmo a moeda mencionada no leilão de 1902, não tem actualmente paradeiro conhecido, apenas existindo reprodução fotográfica do reverso.

Quantas e quantas raridades numismáticas não existirão ainda em mãos ignorantes, escondidas em paredes, expostas ao tempo entre montões de pedras ou sob a Terra, tesouros ocultos que o Acaso porá talvez um dia, miraculosamente, na mão dos que saibam ver o seu valor e estimar a sua raridade! E quantas não se perderão, após séculos e séculos de espera, nos locais mais inesperados e mais recônditos...